



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 24/03/2023 a 30/03/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
24/03/2023	14,28	445,10	53,27	6,88	6,43
27/03/2023	14,42	446,00	54,55	6,98	6,48
28/03/2023	14,67	457,90	55,05	6,99	6,47
29/03/2023	14,77	458,20	55,38	7,04	6,50
30/03/2023	14,74	459,90	54,37	6,92	6,49
Média	14,58	453,42	54,52	6,96	6,47

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	145,00	
RS – Não Me Toque	145,00	
RS – Londrina	140,00	
PR – Cascavel	140,00	
MT – C.N.Parecis	130,00	
MS – Maracaju	132,00	
GO - Rio Verde	132,00	
BA – L.E.Magalhães	138,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	80,00	CIF
Porto de Paranaguá	88,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	75,00	
SC – Rio do Sul	75,00	
PR – Cascavel	69,00	
PR – Londrina	69,00	
MT – C.N.Parecis	63,00	
MS – Maracaju	67,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	83,00	CIF
GO – Rio Verde	66,00	
GO – Jataí	66,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	78,00	
RS – Não Me Toque	78,00	
PR – Londrina	83,00	
PR – Cascavel	84,00	

Período: 29/03/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 30/03/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	76,42	145,98	78,26

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
30/03/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	84,35
Feijão (saco 60 Kg)	271,89
Sorgo (saco 60 Kg)	62,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	ND**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,20

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Cf. Emater

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, em um movimento de recuperação técnica, antes do anúncio dos relatórios de intenção de plantio e estoques trimestrais nos EUA (previsto para o dia 31/03), subiram. A recuperação, em relação ao forte recuo da semana anterior, trouxe o primeiro mês cotado a um fechamento, nesta quinta-feira (30), em US\$ 14,74/bushel, contra US\$ 14,19 uma semana antes.

Em relação a intenção de plantio dos produtores estadunidenses, a safra 2023/24 nos EUA está projetada com uma área semeada entre 35,35 e 37,27 milhões de hectares, com média de 35,71 milhões segundo a iniciativa privada local. Lembrando que, em fevereiro, o Fórum Outlook do governo estadunidense avançou uma área de 35,41 milhões de hectares, contra uma área efetivada, no ano anterior, de 35,39 milhões. No próximo comentário estaremos analisando os números que virão nestes dois relatórios oficiais estadunidenses.

A partir do anúncio da intenção de plantio, o mercado ficará atento ao comportamento do clima nos EUA, entrando no período conhecido como “mercado do clima”. Além disso, o relatório de oferta e demanda de maio trará as primeiras projeções de volume a ser colhido nesta futura safra estadunidense.

Dito isso, na semana encerrada em 23/03, os EUA embarcaram 888.707 toneladas de soja. Com isso, o total embarcado no atual ano comercial é de 44,95 milhões de toneladas, ou seja, 3% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Por outro lado, na Argentina, as importações de soja devem mais do que dobrar devido as enormes perdas que o vizinho país registrou nesta atual safra. Sendo o maior exportador mundial de farelo e óleo de soja, a quebra na Argentina, toda vez que é corrigida para pior, provoca reações altistas em Chicago. Foi o caso nesta semana com os dois derivados da oleaginosa. A indústria local pode esmagar 73 milhões de toneladas de soja por ano. Diante de uma safra que não deverá ultrapassar a 27 milhões de toneladas, os argentinos deverão importar até 10 milhões de toneladas (mais do que o dobro do registrado no ano anterior). O Brasil deverá ser o principal fornecedor aos argentinos. Hoje, a indústria moageira argentina está em forte crise, operando com a sua menor capacidade da história. Mesmo com as importações, haverá falta de farelo e óleo de soja para serem exportados pelo vizinho país.

Pelo lado da demanda, o mercado espera que a China passe a comprar mais soja do Brasil, a partir de abril, na medida em que a nova safra brasileira avança na colheita e a disponibilidade do produto nos portos aumente. Com isso, espera-se, igualmente, que os prêmios melhorem, porém, ainda é preciso conter expectativas neste sentido.

Neste contexto, os preços da soja no Brasil voltaram a recuar nesta última semana de março, apesar da recuperação em Chicago. O valor dos prêmios piorou, com abril se aproximando de US\$ 2,00/bushel negativos, em Paranaguá, enquanto o câmbio revalorizou o Real, com o mesmo trabalhando ao redor de R\$ 5,10 no final da quinta-feira (30).

Assim, a média gaúcha caiu para R\$ 145,98/saco, enquanto as principais praças do Rio Grande do Sul operaram a R\$ 145,00. Já nas praças nacionais, os preços da oleaginosa oscilaram entre R\$ 132,00 e R\$ 140,00/saco.

Além dos fatores já mencionados, a pressão sobre os preços se dá pelo aumento no ritmo de venda por parte dos produtores, fato que melhora a oferta, diante da necessidade daqueles em fazer caixa para bancar os compromissos de empréstimos, além de abrir espaços nos armazéns. Espera-se que a demanda interna de farelo e óleo de soja melhore, fato que poderia puxar para cima, um pouco, os preços do grão.

Enquanto isso, a colheita da safra 2022/23, no Brasil, até o dia 23/03, atingia a 70% da área semeada, contra 75% no mesmo período do ano passado. Os trabalhos estão encerrados no Mato Grosso e Rondônia, caminhando para o final em Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Ainda não se tem um número conclusivo sobre quanto será, de fato, o volume colhido nesta safra. Por enquanto, a maioria das projeções fica ao redor de 150 a 151 milhões de toneladas, mesmo com o Rio Grande do Sul tendo uma quebra perto de 10 milhões de toneladas em relação ao inicialmente esperado. (cf. AgRural)

Pelo lado das exportações brasileiras de soja, até a quarta semana de março o país somou 10 milhões de toneladas, com uma média diária de 554.800 toneladas. Esta média está na mesma dimensão do ocorrido em março do ano passado.

Neste contexto exportador, o Brasil deverá fornecer metade da soja que a Argentina precisará importar neste ano. A média anual de embarques de soja do Brasil para a Argentina é de 300.000 toneladas, mas em 2023 este volume poderá alcançar 5 milhões de toneladas, pois o Paraguai não teria capacidade para suprir os volumes adicionais que os argentinos precisarão. Por enquanto, no primeiro bimestre do ano, o Brasil vendeu à Argentina um total de 230.000 toneladas. Há notícias de que ocorrem embarques de soja brasileira, para a Argentina, em Porto Murtinho, no Mato Grosso do Sul, e até em Santarém, no Pará. Na prática, se os prêmios nos portos brasileiros continuarem recuando, a conta vai continuar viável para os importadores do produto brasileiro. Cerealistas no Mato Grosso do Sul estão estimando um recorde de exportação de 1,6 milhão de toneladas de soja para a Argentina, por Porto Murtinho e pela fronteira seca até Concepción, no Paraguai.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, nesta semana, subiram um pouco. O fechamento desta quinta-feira (30), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 6,49/bushel, contra US\$ 6,31 uma semana antes.

O mercado trabalhou na expectativa dos relatórios do USDA, a serem divulgados no dia 31/03, os quais iremos analisar no próximo comentário. Para a intenção de plantio de milho, nos EUA, o mercado espera uma área total entre 35,48 e 37,27 milhões de hectares, com a média ficando em 36,78 milhões. Lembrando que o Fórum Outlook de fevereiro indicou uma área de 36,83 milhões de hectares, enquanto no ano anterior a área plantada foi de 35,85 milhões.

Por sua vez, o analista privado Farm Futures avança a possibilidade de uma área de milho em 35,48 milhões de hectares, o que seria 1% menor do que o registrado no ano anterior. Já para a soja, a Farm Futures indica uma área de 36,27 milhões de hectares, ou seja, 2,5% acima do realizado em 2022.

Em paralelo, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 23/03, somaram 666.325 toneladas, ficando abaixo das projeções do mercado. Com isso, o total embarcado no ano comercial soma 18,2 milhões de toneladas, ficando 37% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

E aqui no Brasil, os preços do cereal se mantiveram com viés de baixa. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 76,42/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 63,00 e R\$ 80,00/saco. Já na B3, para referência, o fechamento do dia 29/03 registrou R\$ 82,10/saco para maio; R\$ 81,41 para julho; R\$ 81,30 para setembro e R\$ 83,46/saco para novembro.

Os atuais preços são os mais baixos dentre muitos meses, puxados pela entrada da safra de verão; pela possibilidade de uma safrinha recorde, onde o clima transcorre bem até o momento; e particularmente devido a uma redução na demanda interna. Pela necessidade de fazer caixa, os produtores estão ofertando mais cereal, diante de compradores com pouco interesse na aquisição do produto.

Assim, enquanto à colheita do milho de verão avança, o plantio da safrinha chegava a 96% da área no Centro-Sul brasileiro, no início da presente semana.

Dito isso, o Governo Federal, buscando auxiliar os pequenos criadores do país, aprovou a compra de até 85.000 toneladas de milho para atender o Programa de Venda em Balcão (ProVB), executado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Esta é a primeira aquisição para abastecer os estoques públicos utilizados pelo Programa neste ano. A ação tem como objetivo garantir o auxílio aos pequenos criadores que utilizam o produto na ração animal, por meio de vendas diretas a preços compatíveis aos do mercado atacadista de sua região. O documento, publicado em 24/03, estabelece ainda o limite de até R\$ 100,5 milhões para a equalização de preços na venda do milho, nas operações do ProVB. O volume atende o dispositivo da lei que determina que o limite para a compra de milho não poderá exceder a 200 mil toneladas anuais. Ainda de acordo com a portaria, que terá vigência até 31 de dezembro de 2023, a compra de milho para os estoques públicos fica condicionada à existência de disponibilidade orçamentária e financeira.

Por sua vez, a Conab informou que 41,9% da área com a safra de milho verão já teria sido colhida, destacando-se São Paulo com 90%, Rio Grande do Sul com 71% e Santa Catarina com 70%. No mesmo período da safra passada, a colheita da primeira safra estava em 47,1%, segundo o órgão público. No Rio Grande do Sul, até o dia 23/03, segundo a Emater local, a colheita do milho verão atingia a 74%, contra 60% na média histórica e 70% no mesmo período do ano anterior.

E no Mato Grosso, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) o custeio do milho safrinha subiu para R\$ 3.363,14/hectare. Ao mesmo tempo, o preço do milho disponível no Mato Grosso recuou 1,5% na última semana, fechando na média de R\$ 57,77/saco.

Já no Mato Grosso do Sul, o plantio da safrinha chegava a 71,2% da área esperada, estando 26,3 pontos percentuais atrasado em relação a média histórica. O Estado continua projetando uma área final de 2,32 milhões de hectares, com 5,4% acima do registrado no ano anterior. Esperando-se uma produtividade média de 80,3 sacos/hectare, o Estado poderá colher 11,2 milhões de toneladas, o que será 12,3% abaixo do colhido no ano anterior. Enfim, 72,2% do plantio deve ter ficado concentrado no período entre 17 de fevereiro e 24 de março, o que é considerado a melhor janela de semeadura para o Mato Grosso do Sul.

Quanto às exportações, o Brasil atingiu a 1,14 milhão de toneladas de milho vendidas ao exterior até o início da quarta semana do mês, ficando muito acima do registrado em igual período de março do ano passado. (cf. Secex) Para o total de março, a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec) estimava exportação de 900.000 toneladas, ou seja, bem abaixo do que vem sendo realizado.

Nos dois primeiros meses do ano o Brasil já teria exportado 8,3 milhões de toneladas de milho, sendo que 1,1 milhão foi para a China. O preço da tonelada recuou 30,4%, em relação ao ano passado, ficando agora em US\$ 301,10 em março. (cf. Consultoria Agro do Itaú BBA)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, para o primeiro mês cotado, chegaram a ultrapassar os US\$ 7,00/bushel durante a semana, porém, não se sustentaram e o fechamento desta quinta-feira (30) ficou em US\$ 6,92/bushel. Mesmo assim, acima do registrado uma semana antes, que foi de US\$ 6,62.

O mercado trabalhou na expectativa dos relatórios do USDA, a serem divulgados no dia 31/03. As projeções privadas dão conta de que a nova safra de trigo estadunidense poderá ficar entre 18,51 e 20,21 milhões de hectares semeados, com a média chegando a 19,77 milhões. Isso está abaixo dos 20,03 milhões indicados em fevereiro, durante o Fórum Outlook do governo dos EUA, porém, acima da área semeada no ano anterior, que foi de 18,51 milhões de hectares. O analista privado Farm Futures avança uma área de 18,51 milhões, ou seja, idêntica a do ano anterior.

Dito isso, no lado da comercialização do cereal, a Rússia está considerando que os preços mundiais do trigo estão, agora, muito baixos e vem avaliando formas de diminuir suas exportações, visando forçar uma alta das cotações. Esse movimento também ajudou à subida do bushel nesta semana em Chicago.

Por sua vez, os EUA embarcaram, na semana encerrada em 23/03, a um total de 392.484 toneladas de trigo, com este volume ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial atual, os embarques chegam a 16,7 milhões de toneladas, ou seja, 1% abaixo do registrado em igual período do ano anterior.

E na Europa, a produção total de trigo deste ano foi aumentada para 144,5 milhões de toneladas junto aos 27 países da União Europeia, mais o Reino Unido. No ano anterior o volume chegou a 142,3 milhões. As maiores colheitas são esperadas principalmente na Espanha, Itália, Hungria e países dos Bálcãs. (cf. Coceral)

Para a colza, a região deverá colher 21,1 milhões de toneladas e para o milho o volume a ser colhido foi reduzido para 62,3 milhões, contra 64,5 milhões da previsão anterior, porém, ainda bem acima da frustrada safra anterior, que ficou em 52,5 milhões de toneladas.

E no Brasil, os preços do trigo se mantiveram com viés de baixa. Enquanto a média gaúcha permaneceu em R\$ 78,26/saco, e as principais praças do Estado em R\$ 78,00, no Paraná houve novo recuo, agora de dois reais por saco, com a média ficando entre R\$ 83,00 e R\$ 84,00.

A ausência de compradores, com os moinhos indicando estarem abastecidos, é um dos elementos principais das baixas.

Dito isso, o primeiro levantamento de intenção de plantio, para a nova safra de trigo brasileira, dá conta de uma área total de 3,46 milhões de hectares, com um avanço de 5,1% sobre a do último ano. O custo de produção menor e a manutenção de preços relativos ainda firmes estariam no centro deste comportamento. (cf. Safras & Mercado) Mas este movimento tende a ser mais expressivo no Paraná, já que no Rio Grande do Sul, além da forte queda nos preços, há dificuldades para se escoar o produto da últimas safra.

No Paraná, o milho safrinha é plantado em municípios mais ao norte. Na safra passada, o milho roubou área de trigo. Neste ano, o movimento deve ser contrário. Na metade sul, onde não é possível o plantio do milho safrinha, as áreas plantadas no ano passado foram grandes, inclusive em municípios que não têm tradição em plantio. Na próxima temporada, é possível que haja um leve declínio. A estimativa é de um aumento estadual de 4,5% na área de trigo. Já no Rio Grande do Sul, o mercado estaria esperando um aumento de 5% na área semeada, baseado na venda de sementes, que está em bom ritmo. (cf. Safras & Mercado)

Pelo sim ou pelo não, em tal contexto, e em clima positivo, o país poderá alcançar novo recorde de produção, atingindo a 12,07 milhões de toneladas, com o Rio Grande do Sul subindo para 6,25 milhões e mantendo-se como maior produtor nacional, seguido pelo Paraná com 4,08 milhões de toneladas (+4,6%), Santa Catarina com 473.000 toneladas (+2,8%), São Paulo 455.000 toneladas, Minas Gerais 400.000 toneladas, Goiás/DF com 230.000 toneladas, Bahia com 100.000 toneladas e Mato Grosso do Sul com 82.000 toneladas. (cf. Safras & Mercado) Mas tudo isso dependerá essencialmente do clima, o qual, com a entrada do fenômeno El Niño, no lugar do La Niña, tende a ser bem diferente neste 2023, em relação aos últimos três anos. A possibilidade de ocorrência de mais chuva e temporais se torna concreta para este ano, além das geadas no inverno.

Enfim, o Conselho Nacional de Biossegurança (CNBS) tem até o dia 5 de abril para decidir sobre o plantio, no Brasil, de trigo transgênico. O plantio foi aprovado no dia 1º de março pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio). Em não tomando uma posição até lá, o plantio fica liberado automaticamente. Por sua vez, o referido Conselho recebeu ofício de organizações da sociedade civil pedindo o cancelamento da liberação do cultivo de trigo transgênico HB4 e a importação de farinha de trigo transgênico HB4.

É bom dizer que o presidente da CTNBio lembrou que a farinha de trigo transgênico já está liberada para consumo no Brasil desde 2021. Esse trigo poderia ser produzido na Argentina ou em qualquer outro país e trazido para o Brasil. Ele é tolerante a um herbicida denominado glufosinato de amônio. Esse herbicida já vem sendo utilizado pelos agricultores, não no momento do plantio, para controlar plantas daninhas, mas como dessecante, no final do ciclo, já com os grãos de trigo formados, para matar a planta. “Para ser colhida, a planta do trigo precisa estar morta, precisa estar seca”. Segundo ainda o referido presidente, não é novidade utilizar esse herbicida na cultura do trigo, pois o mesmo já vem sendo utilizado em larga escala, principalmente nos Estados da Região Sul do país. Visando dirimir dúvidas deste porte, a Embrapa Trigo está fazendo, no momento, avaliações a campo do material geneticamente modificado. (cf. Notícias Agrícolas)